onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS:
MEMORIAL VIVO DO CERRADO

Brasília, Distrito Federal, 2025
15°47'01"S 47°55'30"W

Brasília, por desígnio, viabilizou e consagrou simbolicamente o processo de ocupação do interior do Brasil. O pressuposto fundamental no "mito" de Brasília é o da *terra vazia*. O discurso canônico sobre a cidade ignora as pré-existências dessa região, sejam elas humanas ou não.

Esse pressuposto se sustenta? Na sequência da pior seca já registrada e de queimadas históricas, é pertinente continuar tratando o Cerrado, nosso *patrimônio natural*, como vazio?

Incêndio no Parque Nacional de Brasília
por Vinícius Schmidt / Metrópoles

EXTREMOS
14ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo
Arquiteturas para um Mundo Quente

"Preservar as florestas e reflorestar as cidades"

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

Cerrado: combustível da “modernidade”

O inverno de 2024 ficou marcado entre os centros urbanos do Centro-Oeste brasileiro. Enquanto se atravessava o período de estiagem - a *seca* - mais intensa que se registrou nas últimas décadas, a região esteve imersa em fumaça por semanas. No Distrito Federal, o incêndio sem precedentes no *Parque Nacional de Brasília* - uma área de Cerrado protegida - cobriu o Plano Piloto de fuligem. As queimadas não são novidade na região, mas nunca a haviam atingido com tanta contundência.[1]

Para além de abrigar seu centro político, o Centro-Oeste tem se consolidado como futuro centro econômico do Brasil, que tem seus pólos produtivos historicamente situados em regiões costeiras. Esse processo de interiorização está relacionado ao avanço do cultivo extensivo de monoculturas, como a da soja, e atividades pecuárias. O *agronegócio*, como é conhecido, tornou-se simultaneamente o motor econômico brasileiro e o grande agente do desmatamento extensivo que observa-se no país. [2]

Asa Norte sob fumaça / 16.09.2024
por Pedro Ladeira / Folhapress

A exportação de bens primários enquanto centro da atividade econômica produtiva tem solidificado a posição do país como *“celeiro do mundo”*, marcadamente desde a sua redemocratização. Apesar disso, durante o século passado, o estímulo ao crescimento industrial e urbano do país foi fundamental para avançar as fronteiras dessa “linha-de-fogo” até seu estado atual. [3]

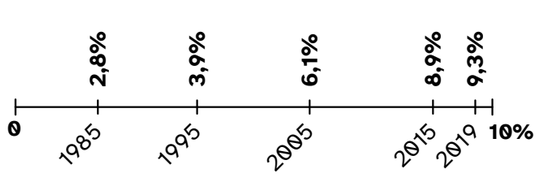
Se hoje o avanço sobre o bioma Amazônico é uma importante pauta ambiental internacional é porque esse movimento coincide com a avanço brasileiro sobre o próprio território: da costa ao interior, Mata Atlântica e Cerrado são os biomas que mais sofreram com a ação humana, respetivamente.

O Cerrado é a savana tropical autóctone do interior da América do Sul. O bioma ocupa aproximadamente 20% do território brasileiro, estendendo-se por cerca de 2 milhões de km2. Sua vegetação, marcada por gramíneas, arbustos e árvores baixas e retorcidas, está adaptada aos longos períodos de seca que caracterizam a região. [4]

No entanto, pesquisadores afirmam que o aumento da escala e da gravidade das queimadas no Cerrado, como as que recentemente atingiram Brasília, tem relação direta com a **crise climática** e o **impacto humano** no geral e, em específico, com o vertiginoso avanço dos interesses econômicos sobre o *natural*.[5] Como um *oroboros* maldito, o avanço sobre o Cerrado tem acentuado ainda mais o seu próprio desvanecimento.

O Cerrado
por Mário Fontenelle

USO DO SOLO: CULTIVO AGRÍCOLA (% aprox.)
(Projeto MapBiomas 2020; Ramthum do Amaral, 2021)



ÁREA METROPOLITANA DE BRASÍLIA

0 — 50km

1. Schwingel, Samara; Martins, Jonatas. “2024 é O Ano Que Mais Teve Chamados Para Incêndios Em Vegetação No DF”. *Metrópoles*, 2024.
2. Veiga, Edison. “Desmatamento No Cerrado Pode Inviabilizar Agronegócio.” *DW Brasil*, 2024.
3. Tavares, Paulo. “The Amazon Forest, a Brazilian Colonial Frontier for over Two Centuries” *em The Funambulist* (Entrevista), 2023, 43.
4. Wesely, Michael; Kim, Lina. *Arquivo Brasília*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
5. Guaraldo, Lucas. “Área Queimada No DF Em Setembro Já é 24% Maior Do Que a Registrada O Ano Todo”. *IPAM Amazônia*, 2024.

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

Auto-Colonização: um país chamado *“Brasil”*

O avanço sobre o Cerrado é, portanto, um capítulo central da relação predatória que o Brasil tem consigo mesmo e que hoje, ao se fazer sentir de forma significativa, acaba por se confundir com as discussões contemporâneas sobre um projeto de país.

Apesar disso, ao longo da história o bioma representou uma importante barreira à expansão do *capitalismo dependente* que se desenvolveu no país. Na verdade, logo após sua independência administrativa, cogitava-se alterar a capital para o interior do território na intenção de torná-lo economicamente ativo além possibilitar seu controle administrativo e militar.

A construção de Brasília, para além de *viabilizar concretamente* o avanço sobre o interior do país, *atualiza formal e simbolicamente* o ímpeto de auto-colonização nacional, consagrando-o. A Arquitetura teve, nesse contexto, um papel central: deu forma e palco concreto para o imaginário difuso de um Brasil que se afirmava moderno, ao mesmo passo que buscava estabelecer continuidade com os processos coloniais.[6]

Essa síntese, repleta de contradições, vem ganhando relevância em debates acadêmicos recentes na esteira de uma demanda por descolonização dos recursos disciplinares. Notadamente, no contexto da capital brasileira, Paulo Tavares enquadra o projeto de Brasília como um *mise-en-scène* que reedita as reproduções artísticas da inauguração colonial. A sedimentação desse imaginário abrangeu desde a opinião pública até uma parte da intelectualidade mais crítica, como Mário Pedrosa, para quem a virtude do projeto urbano era reconhecer *“que a solução possível ainda era na base da experiência colonial, quer dizer, uma tomada de posse à moda cabralina, chanfrando na terra o signo da cruz”*.[7]

Dessa forma, a nova identidade nacional sintetizada no projeto de Brasília reitera simbolicamente a origem do gentílico: *brasileiro* é aquele que explora o Brasil.

Cruzeiro: ponto mais alto do Planalto e primeiro canteiro de obras da Nova Capital
Autor Desconhecido

Fotocolagem
por Paulo Tavares

6. Tavares, Paulo. “Against the Ruralization of the Amazon: The Forest as Architectural Heritage.” em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlin: Hatje Cantz, 2024.
7. Tavares, Paulo. *Brasília: Colonial Capital. e-flux Architecture*, 2020).

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

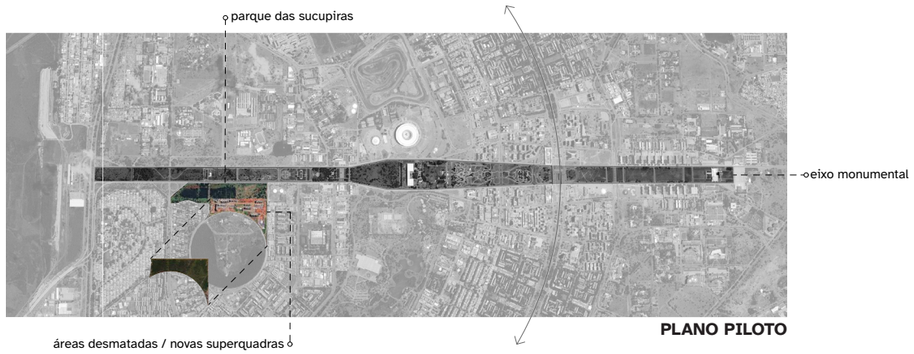
Parque das Sucupiras: Intersecção entre o *concreto* e o *simbólico*

Nas imediações da Praça do Cruzeiro, ponto mais alto do planalto em que se situa Brasília, onde foi rezada a primeira missa e primeiro canteiro de obras na construção da capital, encontra-se uma situação contemporânea de conflito. Onde se avança indiscriminadamente sobre o patrimônio natural remanescente dos processos descritos até aqui: o Parque Ecológico das Sucupiras.

O Parque das Sucupiras é uma Reserva Ecológica na região central da Zona Metropolitana de Brasília que protege um trecho remanescente de Cerrado nativo. Funciona há duas décadas sob risco constante de descaracterização. Cercado por área urbana consolidada, a manutenção de sua condição de *Reserva Ecológica de Uso Sustentável* demanda um esforço constante de mediação entre as realidades da cidade e do Cerrado a ser protegido.

Essa situação, já frágil, ficou ainda mais sensível face à pressão exercida pelas recém-construídas *Superquadras 500 do Setor Sudoeste (SQSW 500)*. Setores associados às novas superquadras empenharam-se em intercomunicar o Parque aos novos empreendimentos imobiliários enquanto parque de uso comum, o que acabaria por descaracterizar a função de santuário do Parque das Sucupiras.

As novas quadras do Sudoeste são bastante sintomáticas do avanço indiscriminado do interesse econômico sobre o Cerrado. Sua construção se deu após um longo e conturbado processo de disputa sobre aquele lote de terra.[8] Até 2019, ficava ali um grande trecho de mata nativa isolada que foi derrubada após um processo controverso e à revelia de importantes setores sociedade civil. Para além de representar um ataque frontal ao *patrimônio natural/infraestruturas ecológicas* da cidade, o projeto de expansão do Setor potencialmente fere as diretrizes do Plano Piloto, que desde 1990 é Patrimônio Mundial da UNESCO.[9]



8. Caputo, Denise. "Comunidade E Governo Divergem Sobre Construção Da Quadra 500 No Sudoeste". *Comunicação / Câmara Legislativa do Distrito Federal*, 2019.
9. Urbanistas por Brasilia, *Ninguém quer uma nova expansão para o Sudoeste.* Urbanistas por Brasilia, 2015, https://urb.bsb.br/201/05/19/quem-quer-uma-nova-expansao-para-o-sudoeste/.

Homens e máquinas durante a construção de Brasília
Arquivo Público do Distrito Federal / ArPDF

1958
2019

Derrubada do cerrado preservado para as novas quadras do Sudoeste
Ana Rayssa / Esp. CB / D.A Press

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

Fogo contra fogo

Apesar de espelhar esse processo histórico de avanço sobre o Cerrado, a existência institucional do Parque Ecológico das Sucupiras é fruto de uma luta popular, seja para a sua delimitação enquanto parque, seja para sua contínua manutenção. O esforço de mobilização, organizado na *Associação do Parque Ecológico das Sucupiras* (APES), por sua vez, dá coesão à sociedade civil com a qual entra em contato e, apesar de sua duração expandida, tem angariado novos adeptos e ferramentas de agência no processo de determinação desse território.

Esse conjunto de esforços teve como conquista recente a produção de um *Plano de Manejo*[10], ferramenta legal que detalha os procedimentos a serem desenvolvidos em uma *Unidade de Conservação*. Esse Plano, elaborado em assembléia, é uma contribuição interdisciplinar que, face ao assédio do mercado imobiliário, reafirma o caráter de *santuário* do Parque e explicita um *programa* para sua devida manutenção.

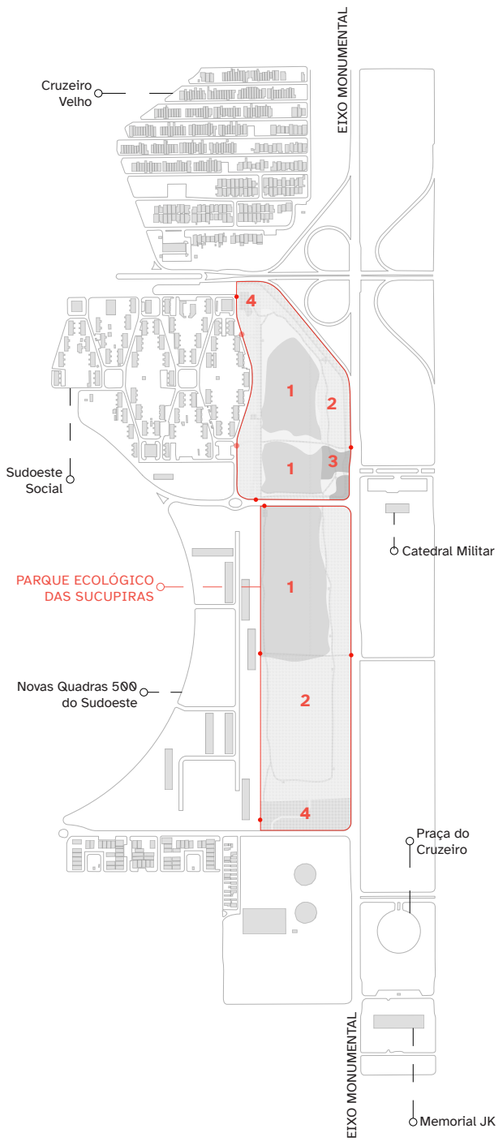
Para além de uma função social e apesar do seu isolamento enquanto trecho de Cerrado na zona central do Plano Piloto, o Parque cumpre uma importante função de infraestrutura natural: funciona como "trampolim ecológico" para diferentes espécies de fauna e flora nativas do bioma, ou seja, representa um importante ponto de apoio para diferentes sistemas de reprodução e proliferação desses exemplares que convivem com os sistemas urbanos.

Como remetido anteriormente, a Arquitetura teve um papel determinante no desenvolvimento da *situação colonial* contemporânea no Brasil, lançando as bases concretas e simbólicas na construção de uma grande descontinuidade entre a *forma que se vive* e o *território que se habita*.

A manutenção do bioma remanescente demanda, em consequência, a construção de uma separação física, traduzida na concretização do Parque das Sucupiras. Constatou-se que o cultivo da biodiversidade do Cerrado que se almeja ali é incompatível com a cidade circundante, desde efeitos da pressão imobiliária até a convivência com animais domésticos advindos das quadras residenciais vizinhas.

Dessa forma, o devido manejo requer que o acesso ao Parque seja condicionado e, portanto, o programa prevê o isolamento do seu perímetro. A Arquitetura compõe um projeto mais amplo para a Reserva Ecológica que, apesar de recorrer à disciplina, acaba por ultrapassá-la.

Esse trabalho, desenvolvido a partir de um diálogo próximo com a APES, elabora uma proposta para o programa de cariz arquitetônico previsto no Plano de Manejo. Ao mesmo tempo, busca tirar partido de sua proximidade ao Eixo Monumental, disponibilizando os meios da Arquitetura para essa disputa.



Plano de Manejo: **Parque Ecológico das Sucupiras**

1. Área de *Preservação*
2. Área de *Restauro*
3. Área de *Bosque*
4. Área de *Infraestrutura*

— Cercamento do Perímetro
● Portões de Acesso

Atividades ligadas ao Parque
Facebook - Assosiação do Parque Ecológico das Sucupiras / APES

10. ECOSOUL. *Elaboração Do Plano De Manejo Do Parque Ecológico Das Sucupiras*. Brasília: 2022.

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

MONUMENTALIDADE À MARGEM

O projeto do Plano Piloto de Brasília prevê quatro escalas: *Monumental*, *Residencial*, *Gregária e Bucólica*. O parque, por estar disponível de forma condicionada ao público, enquadrar-se-ia em sua escala *Bucólica*.

O conjunto de condições nas quais se insere o Parque das Sucupiras permite tirar partido desse zoneamento, evidenciando as distorções presentes em toda a história da cidade, posto que hoje é uma cobiçada fronteira de expansão de construções destinadas à habitação, como no Setor Sudoeste.

A compreensão do Cerrado como *patrimônio natural* aliada à proximidade do Parque em relação ao Eixo Monumental - *patrimônio arquitetônico* de relevância internacional - representa uma oportunidade de questionar: *se assumimos como projeto a qualidade de vida nas cidades, mediante manutenção dos biomas, uma reminiscência de Cerrado não poderia ser considerada também como patrimônio arquitetônico, além de patrimônio natural?*

A proposta busca responder as necessidades do Parque e da comunidade que o mantém através da formalização das contradições. Ao tirar proveito da sua localização e confrontar o sentido histórico da experiência urbana da cidade, integra o Parque Ecológico das Sucupiras à escala *Memorial*. Marcaria posição tanto em relação ao apelo simbólico que representa o Eixo Monumental, quanto ao motor concreto do avanço da especulação imobiliária.

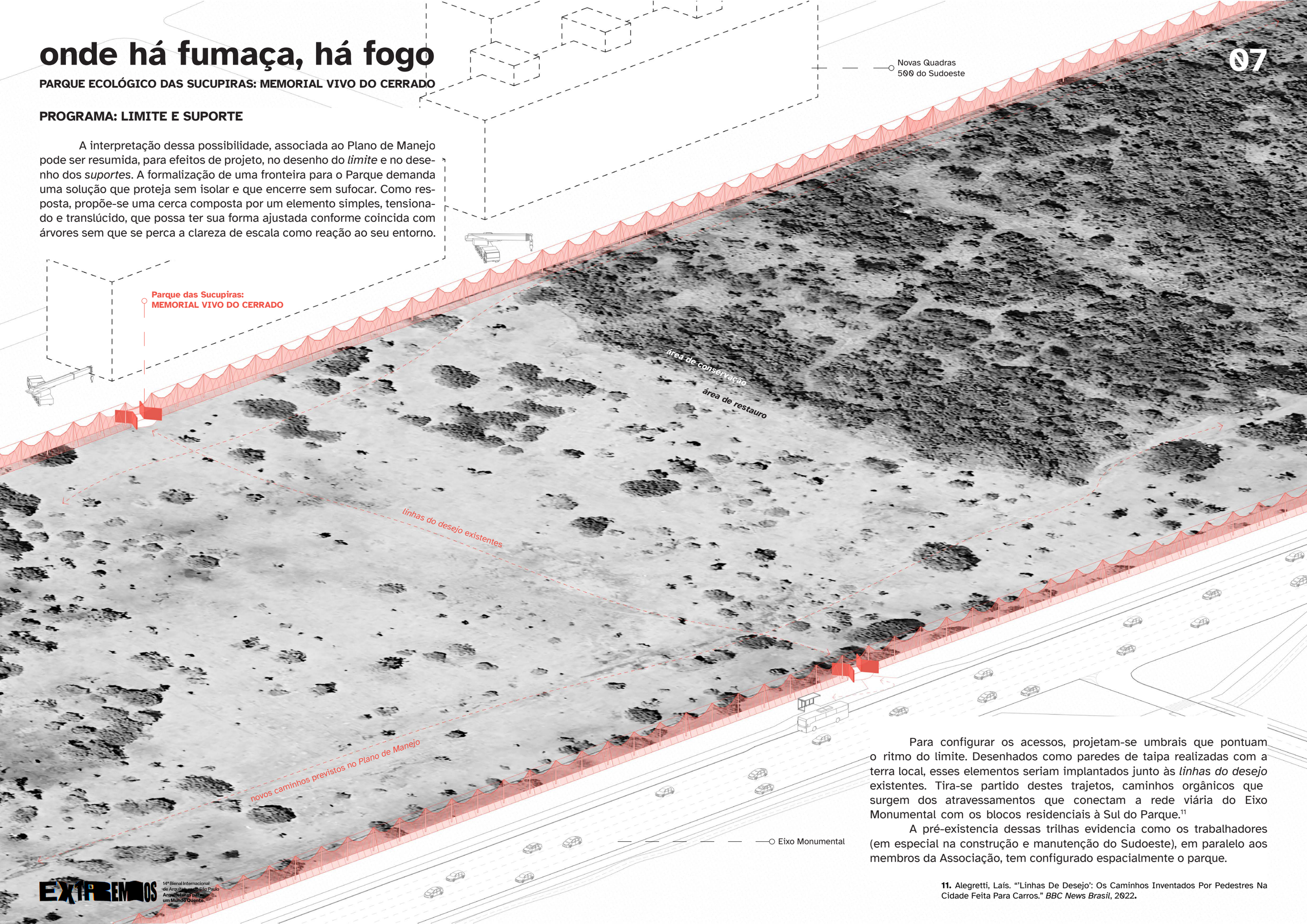
“Preservar as florestas e reflorestar as cidades”

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

PROGRAMA: LIMITE E SUPORTE

A interpretação dessa possibilidade, associada ao Plano de Manejo pode ser resumida, para efeitos de projeto, no desenho do *limite* e no desenho dos *suporte*s. A formalização de uma fronteira para o Parque demanda uma solução que proteja sem isolar e que encerre sem sufocar. Como resposta, propõe-se uma cerca composta por um elemento simples, tensionado e translúcido, que possa ter sua forma ajustada conforme coincida com árvores sem que se perca a clareza de escala como reação ao seu entorno.



Para configurar os acessos, projetam-se umbrais que pontuam o ritmo do limite. Desenhados como paredes de taipa realizadas com a terra local, esses elementos seriam implantados junto às *linhas do desejo* existentes. Tira-se partido destes trajetos, caminhos orgânicos que surgem dos atravessamentos que conectam a rede viária do Eixo Monumental com os blocos residenciais à Sul do Parque.[11]

A pré-existencia dessas trilhas evidencia como os trabalhadores (em especial na construção e manutenção do Sudoeste), em paralelo aos membros da Associação, tem configurado espacialmente o parque.

11. Alegretti, Laís. "'Linhas De Desejo': Os Caminhos Inventados Por Pedestres Na Cidade Feita Para Carros." *BBC News Brasil*, 2022.

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

ESTRUTURA: UMA GAMBIARRA

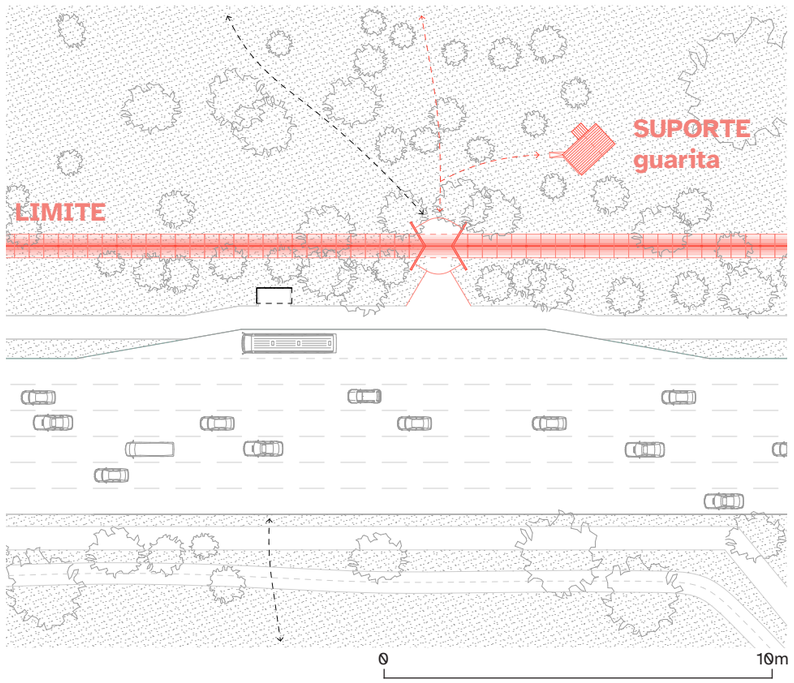
Esses elementos construídos, entretanto, não são propostos como construções perenes. Antes, apresentam-se como resposta tática num contexto de produção de cidade desfavorável à sua existência. Entende-se que a construção precisa evidenciar o caráter contingente: *postes e telas, paredes feitas de terra e cabanas pontuando seu interior com pontos de apoio*.

Essa *"outra monumentalidade"*, que, tal como reivindicava Lina Bo Bardi *"não se quer "elefântica"*, também pretende por em debate o papel da arquitetura em contextos de tensão social e cultural. Como pode o conteúdo de uma arquitetura ser perene quando seu uso segue as contingências de uma disputa?[12]

A palavra *Gambiarra* é adotada aqui como uma provocação. Poder-se-ia, ainda, adotar seu sentido mais vulgar, que remete a uma solução expedita para um problema urgente (muitas vezes relacionado a arranjos em infraestruturas hidráulicas ou elétricas).

Seu emprego parte do reconhecimento de uma posição histórica: um sistema que insiste em produzir a destruição da sua própria base material, como é o capitalismo e sua *"destruição criativa"*, não é estranho a arranjos improvisados como recurso tático. Na urgência climática e ambiental presente, qualquer solução parece ser necessariamente expedita.

A Gambiarra é histórica enquanto pacto contingente pelo continuar funcionando. A partir do momento em que surge, começa a caminhar em direção à sua degradação, menos trágica porque é sua condição de partida. Ao final, deixa sob disputa o que a substituirá.



12. Bo Bardi, Lina. "O Novo Trianon." *Mirante das Artes*, no. N. 5. São Paulo, 1967. https://icaa.mfah.org/s/en/item/1111188#?c=&m=&s=&cv=&xywh=-521%2C50%-2C3032%2C1697.

onde há fumaça, há fogo

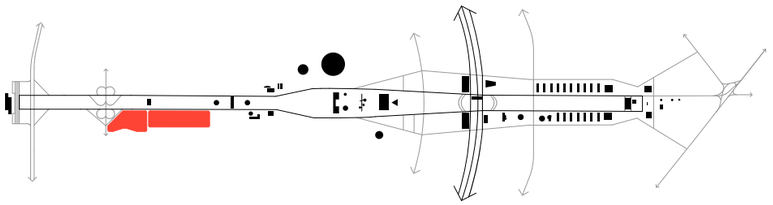
PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

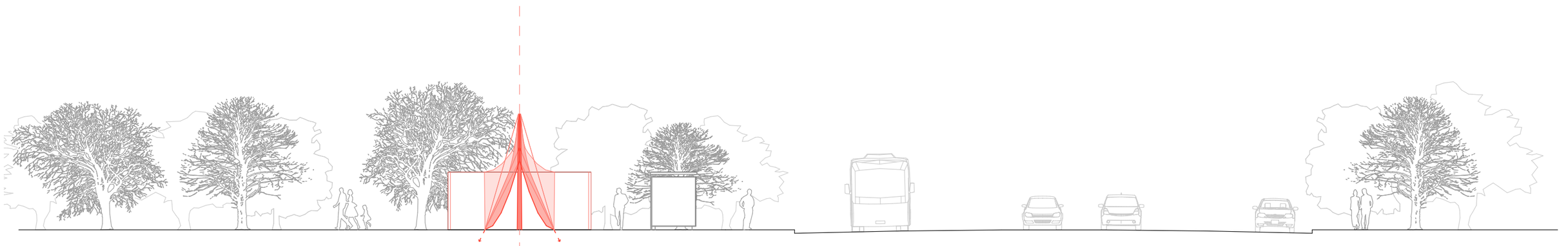
BELEZA: UM BRASIL-EIRO

Evoca-se a ideia de um *mosquiteiro*, uma solução precária (*gambiarra*) cuja forma e construção denunciam sua qualidade paliativa. A proposta *de* um *memorial vivo* para o Cerrado adota uma expressão contraditória para expressar uma contradição: ainda que esse bioma já não exista como 'natureza natural' no Plano Piloto, ele não poderá existir como natureza socialmente fabricada *(como de resto é também o caso da ideia de 'natureza natural')*? Admitir a dimensão *cultural* na construção da paisagem viabiliza categorias *legais* adicionais no reforço do manejo que se propõe.[13]

A crise climática, associada ao conjunto de tragédias 'mais-ou-menos-naturais' que são as queimadas ou as enchentes, representa um perigo existencial para as cidades brasileiras em grande escala. Esse projeto quer pautar como intervenções urbanas de horizonte temporal limitado podem alcançar a pressa e a economia de meios que o momento suscita. Mais do que isso, estuda a construção de estruturas que, pela sua ligeireza, podem se disponibilizar às instâncias populares de disputa pelo território. Assim, dá espaço, ferramentas e recursos como alternativas para a *construção de cidade*.

ESCALA MONUMENTAL:
MEMORIAL VIVO DO CERRADO





13. Tavares, Paulo. "Against the Ruralization of the Amazon: The Forest as Architectural Heritage." em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlin: Hatje Cantz, 2024.

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

EXTREMOS: PRESERVAR O CERRADO E CERRAR BRASÍLIA

Por conta da singularidade das suas condições de implantação, o projeto para o Parque das Sucupiras não se propõe integralmente enquanto uma solução-modelo para as questões de preservação e inserção dos biomas em ambiente urbano. Entretanto, a proposta pode ensejar um conjunto de perguntas e ensaios.

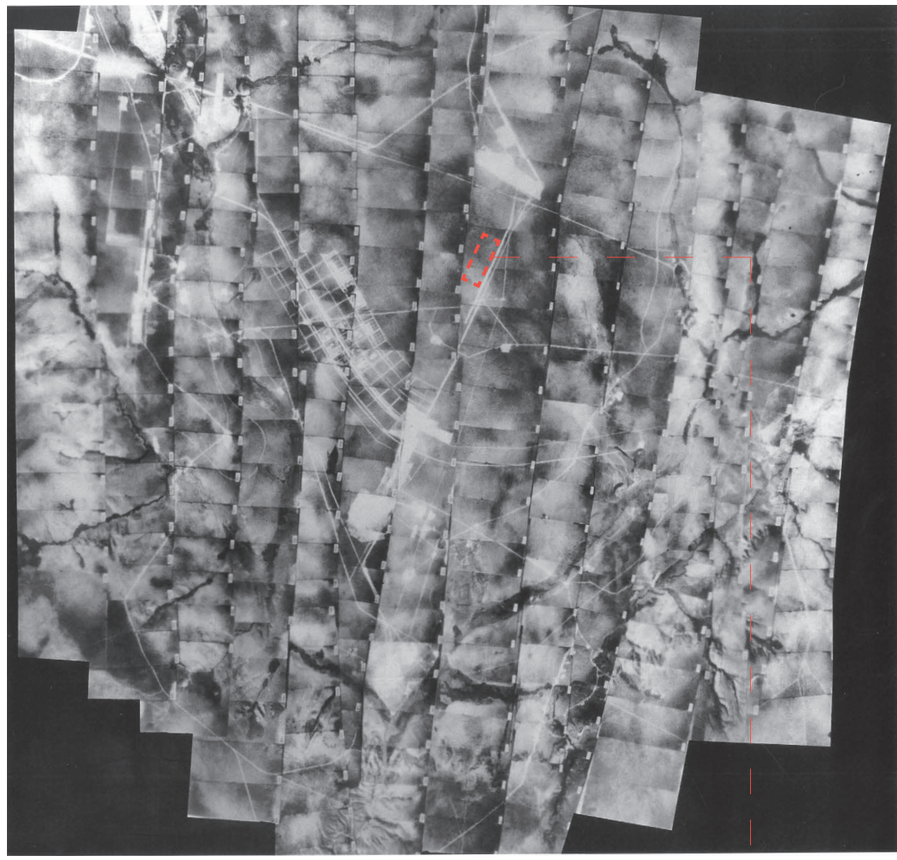
"Preservar florestas e reflorestar cidades" é um tema que permite questionar: o quanto de cidade existe nas nossas florestas e o quanto de floresta existe nas nossas cidades? Se tanto uma quanto outra não são objetos bem definidos e encerrados em si, o quanto de floresta é, por exemplo, o Parque das Sucupiras? Se, por um lado, ele tantas vezes foi acossado por fogo e desmatamentos deliberados, por outro, ele é ponto de suporte para sistemas *naturais e sociais* enquanto trampolim ecológico, parque e frente de disputa.

Nesse sentido, discutir sobre a existência do Parque também passa por pensar cada ponto de interesse para os diferentes sistemas que convivem nos ambientes urbanos como potenciais focos de floresta. Para tal, é preciso considerar como vários movimentos por *preservação ambiental* podem, de maneira complementar, ser considerados como expressão de uma demanda popular por *construção ambiental*: tanto uma vontade quanto uma necessidade de fazer coincidir os sistemas de cidade e floresta. Entendidas assim, com recurso às ferramentas dos diferentes campos do conhecimento (inclusive da Arquitetura), pode-se promover a urgente reproposição dos termos do debate e oferecer ferramentas concretas para sua disputa.

limite

suportes: guarita

Aerofotogrametria do Plano Piloto em construção
Autor desconhecido



Zona protegida no
MEMORIAL VIVO DO CERRADO